Ano VIII — Lisboa, Agosto de 1952 — N.º 88

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Em defesa do mundo alado



Quando a Natureza vestes galas, ao atravessarmos os bosques frondosos do nosso Portugal, não podemos deixar de sentir a presença desses pequenitos seres que, saltitando de ramo para ramo, alegram os campos com os tons variados dos seus gorgeios. Que sensação de vida triunfante nos oferecem esses frágeis animaizinhos! São semelhantes a um poeta enamorado em cujo coração só pulsam sentimentos elevados, extasiado pela harmonia da vida.

No entanto, triste é reconhecê-lo, a presença cativante das avezinhas nem sempre é compreendida e apreciada por todas as pessoas. Por exemplo, o nosso camponês não dispensa qualquer desvelo a esses bandos de trovadores que lhes animam as tardes de canícula com a frescura dos seus requebros de harmonia. O rapazio organiza-se em cáfilas para lhes desbaratar as crias ou para lhes dar caça com traiçoeiras armadilhas. Os mais velhos, esses entregam-se à nefasta tarefa de não deixar incólumes as que acaso ousem riscar o céu ao alcance das suas espingardas.

Temos a impressão de que tanto desamor nasceu do despeito que o Homem sente por não estar provido de asas com que possa competir com elas nas mil e uma acrobacias, ou com que vença, através do éter, a sedução das distâncias. Realmente causa inveja estarmos privados de ensaiar vertiginosas correrias através da pureza dos ares, de multiplicarmos a nossa presença nos mais variados recantos, só por um rápido e fácil adejar, cheio de elegância e de emoção. E, vai daí, toca a destruir os afortunados que nos levam a palma nesse capítulo. Já os homens do mar, como assinala Raul Brandão, têm uma grande ternura pelas aves. É que a única obsessão dessa gente são as águas, não lhes despertando qualquer entusiasmo a aventura dos ares.

É claro que, como muitos estarão a pensar, o Homem já não está inibido de cruzar o firmamento. E com que velocidades o faz! Porém, essas centenas de aeronaves, que, dia a dia, deixam continentes em demanda doutros continentes, talvez não sejam mais que um ludíbrio para a realização do velho sonho do Homem. Ele vai lá dentro como que encaixotado e o que realmente voa é o aparelho. E nós vemos que, na história da aviação, as primeiras tentativas dos inventores dirigiram-se para a adaptação de umas asas aos braços, que lhes permitissem voar de facto. Além disso, os numerosos e complicados requisitos que o uso do avião exige, torna-o um apanágio de meia dúzia de privilegiados. Deste impedimento, nasceu o ódio aos seres volantes e o desaforo com que, novos e velhos, se lançam na destruição do mundo alado.

Nessa aguarela polícroma que é «Os Pescadores», Raul Brandão refere a certa altura, depois de falar de uma senhora americana que havia comprado uma rocha da Luisiana para nidificação das aves perseguidas: «Se eu fosse rico, comprava também ao Estado as Berlengas para as aves marinhas fazerem os seus ninhos, livres da ferocidade humana, que não tem limites, e que até lá as vai procurar para lhes destruir a criação». Baden-Powell, que tinha pelos animais uma afeição assaz manifesta, sentia como poucos a perseguição que vitimava não só as pobres avezinhas, mas também numerosas espécies doutros animais. Como medida de combate a essa volúpia de sangue, aconselhava o estudo da vida dos animais, dos seus usos, da sua voz e da cor da plumagem. Em sua opi-

(Conclui na 2.ª página)

A BÉLGICA

e os seus escoteiros marítimos

Ao consultarmos o «Jornal da Marinha Mercante» do mês de Julho deparou-se-nos um importante artigo sobre o recrutamento das tripulações dos navios mercantes. Se a nossa curiosidade foi espevitada pela matéria contida naquelas páginas, uma razão mais forte nos levou a falar dela aqui: é que o tal artigo fala — e realça — a utilidade dos Escoteiros Marítimos.

Mas vejamos:

Trata-se de um artigo que o Jornal da Marinha Mercante transcreve do «Lloyd Anversois» e que, em resumo, analisa as dificuldades que a Bélgica encontra para recrutar boas e estáveis tripulações para os seus navios de comércio. E, a certa altura, o articulista afirma, referindo-se ao abandono da carreira do mar por parte dos recém-diplomados pela Escola de Navegação: «As causas são muitas e complexas. A principal parece ter origem na falta de verdadeira vocação, mal que se verifica, de resto, em todas as profissões».

E quando enumera os remédios para debelar tal crise e a maneira de aumentar o recrutamento, lemos:

«Nesta ordem de ideias, (1) nunca é demais insistir-se na obra benéfica realizada pelos «SEA-SCOUTS» que são instrumentos de propaganda e iniciação»...

... «Com os «SEA-SCOUTS» os candidatos a alunos da Escola de Navegação (2) poderão ter uma ideia das dificuldades da carreira de marinheiro;»...

E mais esta reveladora afirmação:

«Pergunta-se até se a vantagem de uma iniciação deveria ser reservada só para os «SEA-SCOUTS» !!!

Ora, é sobremaneira grato ler tão categóricas afirmações sobre a utilidade do Escotismo. Bem sabemos que elas vêm dum país onde o Escotismo constitui a base da edu-

(Conclui na 2.ª página)

PALESTRAS COM OS GUIAS

A responsabilidade do Guia de Patrulha

Meu caro Guia:

Agradeço muito a tua carta. A maneira franca como me expuseste o caso da tua Patrulha é uma prova de confiança que muito me sensibiliza. Mas, meu caro Guia, a situação da tua Patrulha não é boa, ou antes, é bastante má. Pior do que isso, porém, é que estás mal orientado quanto à origem das faltas dos teus companheiros. Baseado nas informações que me deste, o mal da tua patrulha é falta de brio.

Falta de brio, como sabes, é ausência do sentimento da dignidade própria, o «respeito de si próprio», de que fala o segundo artigo da nossa Lei. E nota que não foi por mero acaso que neste artigo se reuniu o respeito de si próprio com o dever de obediência. É que o homem desobediente—aquele que não cumpre as obrigações que deve — não se respeita a si próprio. A tua Patrulha perdeu o brio e, por isso, caiu na desobediência. Os teus escoteiros não são pontuais às reuniões, chegam sempre tarde, imaginam mil pretextos para não comparecer às actividades, faltam constantemente. Tal situação não pode continuar, visto que a tua patrulha corre o perigo de desaparecer.

São, portanto, muito justificadas as tuas apreensões, mas errado o método que tens usado para conjurar o perigo. Não, meu Irmão, essas atitudes não se corrigem com censuras e ralhos. O Guia nunca se zanga e tu não te podes, pois, zangar. A primeira coisa que tens de fazer é dares tu próprio um bom exemplo. É preciso que os teus companheiros saibam que tu estás *sempre pontualmente*, que *compareces sempre* a todas as actividades. Confessa que se a patrulha chegou a tal situação foi porque o Guia começou também por faltar. Claro que pode ser impossível estar presente. Nesse caso o subguia está avisado da tua ausência e ocupa o teu lugar pontualmente.

Quando um dos teus companheiros faltar, logo receberá a tua visita e jovialmente indagarás o motivo da sua ausência. Estarás sempre pronto a desculpar e a tua visita é sòmente provocada pelo receio de que o teu camarada esteja doente. Se sempre assim procederes, nenhum dos Escoteiros terá coragem para se ausentar da sede, porque a sua falta corresponderá à visita do Guia, esse *grande amigo* que está sempre desejoso da sua presença. Será ainda a camaradagem que tornará os escoteiros da tua patrulha solidários, não querendo que o prestígio da «Galo» seja prejudicado pela falta de qualquer deles.

Será também necessário cultivar entre os teus companheiros o culto do dever. A leitura das biografias dos Homens que souberam cumprir com dignidade o seu dever será um grande auxílio. A história pátria está cheia de exemplos inspiradores do culto do dever. Em cada reunião de patrulha que um escoteiro conte um desses episódios em que o brio nacional foi honrado pela atitude de tantos portugueses de lei.

Não te esqueças, meu caro Guia, de que o teu cargo é de uma grande responsabilidade e um lugar de confiança. Confiaram em ti os teus companheiros que te elegeram. Confiou em ti o teu Chefe que te nomeou. Tens de ser digno dessa confiança e ter o brio de bem ocupar o cargo em que foste investido. Se estiveres à altura da tua responsabilidade, se fores o melhor amigo dos teus companheiros, se fores sempre pontual e estiveres *sempre pronto* em todas as actividades, os teus companheiros seguirão o teu exemplo e a «Galo» ainda voltará a ser uma grande Patrulha. Depende ùnicamente de ti. Tens de estar à altura da tua responsabilidade. Exige-o o teu próprio brio e o prestígio do teu Grupo.

Conta sempre com a amizade do velho

BALU

Em defesa do mundo alado

(Conclusão da 1.ª página)

nião acertadíssima, quanto melhor se conhecer essa obra admirável de Deus, mais repugnante será para nós o acto vil de matar um animal por precária sensação de prazer, sem a atenuante de uma razão forte.

As aves são dos animais mais interessantes, verdadeiras obras-primas da natureza. Como se não bastassem estes predicados, ainda se podem juntar o da utilidade, pelos ovos, as penas e até a carne que tantas vezes nos oferecem, isto para não falarmos do trabalho de seareiro que algumas desempenham, com a destruição de tantos animais daninhos. Parece-nos pois que seria de boa política levar a cabo, especialmente entre a rapaziada das escolas, uma campanha para protecção da passarada, a qual não se desenvolveria por meio de discursos ou perorações mais ou menos sonolentas, como é hábito, mas por processos práticos, insinuando subtilmente o amor pelas aves no espírito do rapazio. E esse objectivo seria atingido pelo meio que B.-P. preconiza, isto é, pelo estudo da vida dos pássaros, da forma de reprodução, dos diferentes tipos de ninhos e do sítio onde cada espécie o constrói, os cuidados que as mães dispensam aos filhos, e os hábitos característicos de cada uma das espécies. Por outro lado, procurar-se-ia dar a conhecer cada uma das espécies pelo canto e apreciar a beleza da plumagem e o valor do auxílio que elas prestam ao lavrador na conservação das searas.

O estudo da vida dos animais é dos mais interessantes e sugestivos. Lembramos Maeterlinck, o famoso poeta, que dedicou alguns dos seus livros à descrição maravilhosa da vida de alguns insectos. Entre os escoteiros também se poderia criar o gosto por actividades deste género. Temos o exemplo de B.-P. que passava noites a observar a vida e os hábitos dos animais, donde colheu tão curiosos conhecimentos como os que podemos ler nas suas obras.

O mundo dos animais é aquele que está rodeado dos mais aliciantes mistérios. Se nós soubermos canalizar a atenção dos nossos rapazes para esse meio, não só salvaremos do empobrecimento a fauna do nosso país, como lhe ofereceremos um bom conjunto de conhecimentos, utilizando um excelente meio educativo.

JOEL RIBEIRO

A BÉLGICA

(Conclusão da 1.ª página)

cação juvenil, mas refere-se a uma importante actividade económica e não é difícil perceber que a Bélgica dedica aos seus escoteiros do Mar uma confiança ilimitada; nem doutro modo eles seriam indicados para resolver uma crise que o articulista do «Lloyd Anversois» classifica de inquietante.

CARLOS FERNANDO GARCIA

(1)—A divulgação nos colégios, escolas médicas e particulares e agrupamentos de rapazes, da carreira do mar.
(2)—Esta Escola prepara os futuros oficiais da Marinha Mercante.

O «SEMPRE PRONTO»
vende-se na **Tabacaria Boa-Hora**
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

CAMPANHA PARA MAIS 100 ASSINATURAS

A nossa campanha para mais 100 assinaturas avança lentamente, mas avança e com isso nos damos por satisfeitos. Além dos 44 assinantes já registados, entraram mais os seguintes:

Por intermédio do Sr. Álvaro da Rocha Rodrigues os Srs. José Silvestre dos Anjos António e Joaquim Correia da Silva. Directamente os Srs. António Castro Sotto Mayor, Amiel Cardoso Ferreira e Silva, Gilberto de Carvalho, Alfredo Lopes Vasco, Eng.º Wenceslau Pompélio da Cruz, Manuel Wenceslau Leiria, Manuel Correia Marques e Darlindo Ferreira Lopes.

Atingimos, portanto, 54 novas assinaturas. Estamos ainda longe do nosso alvo. Precisamos que os nossos amigos se disponham a cooperar nesta campanha, pois as novas assinaturas são uma necessidade urgente para equilíbrio das finanças do «Sempre Pronto».

Nunca como hoje o nosso mensário atravessou uma situação financeira tão difícil. É este o momento dos amigos do «Sempre Pronto» o ajudarem, se de facto são amigos.



PROBLEMA N.º 16

Com as 46 sílabas abaixo, forme 23 dissílabos sinónimos das seguintes palavras:

Perigo	Estreito	Ligeiro
Zombaria	Arrancar	Não feriado
Ruga	Suspenso	Pico
Cabeça	Zumbir	Lanceta
Truões	Motejo	Incumbência
Treino	Impulso	Vaidoso
Extremidade	Estilhaço	Fenda
Sovina	Ajuste	

AN BO BO BOS BRE CAR CE CHA CHO CHU CHU CHU ÇA DO FA FA FAS FRE FRE FU GA GRE LAN LIM NIR NO PI PO PRE QUE QUE QUE RA TA TAM TE TO TO TO TRA TRE TRE SA VE XE ZU

- Com as terceiras letras de cada palavra forme um conhecido provérbio.

* * *

Aos nossos assinantes que não conhecem as condições deste nosso concurso, informamos que para receberem um dos prémios basta enviarem-nos vinte soluções certas dos nossos problemas até 60 dias após a sua publicação. Para os concorrentes de além-mar consideramos este prazo pela data de expedição, podendo portanto nestes casos ser o seu envio feito por via marítima.

O concurso pode pois ser iniciado por novos assinantes com qualquer dos problemas aparecidos depois do início da sua assinatura.

PROBLEMA N.º 15

Muito contra a nossa vontade, nas sílabas do problema n.º 15 surgiram dois pequenos erros; A penúltima sílaba da 3.ª fila é HOR e não HON, e também na penúltima sílaba da 6.ª fila «caiu» um E da sílaba TRE, «queda» essa por certo notada pelos nossos estimados concorrentes.

Por estas faltas involuntárias, que estamos certos os nossos concorrentes remediaram, pedimos as nossas desculpas.

CORRESPONDÊNCIA

A. G. M. (Lisboa) — Sim! Pode usar qualquer dos dicionários: Torrinha ou Cândido de Figueiredo.

LIVROS

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, a obra do Fundador indispensável a todos os dirigentes escotistas ..... 11$00

Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas, edição brasileira ..... 4$00

Como iniciar uma tropa escoteira. Explicação da maneira como iniciar um grupo de escoteiros..... 2$50

Postais Ilustrados Escotistas. Edições inglesas..... 1$50

Como tratar e conduzir os Lobinhos, de Gelmirez de Mello..... 2$50

Alcoolismo, do Dr. Ayres Serrano e Silva ..... 1$50

Dúzia ..... 15$00

Estatutos da A. E. P...... 2$00

O Escotismo e a Formação Cívica, de Charles del Marmol..... 1$00

Dúzia ..... 6$00

EM FRANCÊS

Quatro excelentes manuais:

Presses et Nœuds décoratifs..... 15$00

Les Ponts ..... 15$00

Nœuds et Passarelles..... 15$00

À L'Echelle..... 15$00

Três obras indispensáveis na biblioteca do Dirigente:

Trente Garçons..... 12$00

Sois un chef (Guia de Patrulha).... 12$00

Camps Eclaireurs..... 15$00

A caderneta do Lobito:

Pistes de Jungle..... 15$00

Manuel de l'Éclaireur o excelente e completo manual dos escoteiros franceses ..... 75$00

Brevemente nova remessa de edições suíças.

Revista brasileira «ALERTA!...»

Avulso..... 3$00

Assinatura anual..... 18$00

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

PUBLICAÇÕES

Em prol do casamento das enfermeiras dos Hospitais Civis

Anda a prestimosa Liga Portuguesa de Profilaxia Social empenhada numa campanha em prol do casamento das enfermeiras dos Hospitais Civis que, inconcebìvelmente, estão proibidas de contrair matrimónio. Conseguiu a Liga, noutra campanha em que se empenhou, que fosse abolida disposição semelhante que proibia o casamento às telefonistas da Companhia dos Telefones, com grandes resultados moralizadores.

Não são menos patrióticos nem menos morais os actuais intuitos da Liga. É que não se encontra razão que justifique a condenação que impende sobre as enfermeiras inibindo-as de constituir legalmente o seu lar, direito sagrado de todos os homens e mulheres, já que a instituição da família é de carácter divino e princípio base da organização da sociedade portuguesa. Pois, por muito incompreensível que seja, as enfermeiras dos Hospitais Civis de Portugal estão proibidas do casamento, com todos os inconvenientes morais e sociais que daí resultam.

No prosseguimento da sua louvável acção, a Liga reuniu agora num opúsculo, junto com uma nota histórica da campanha, os depoimentos das autoridades eclesiásticas da igreja católica e respostas a um um inquérito, sobre o mesmo assunto, dos representantes consulares de diversas nações estrangeiras. Pelas primeiras verifica-se que o episcopado condena unânimemente semelhante proibição e, pelas segundas, conclui-se que em nenhum outro país as enfermeiras estão sujeitas a igual legislação.

Bem haja a Liga pela sua campanha à qual auguramos o êxito que de justiça merece.

Relatório do II Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa

Está publicado o Relatório deste importante congresso que se reuniu em Lisboa em Maio do ano passado. É um interessante volume de 220 páginas contendo todas as teses apresentadas nas sessões daquele Congresso, respectivas conclusões e pareceres, ilustrado ainda com algumas fotografias.

As teses encerram trabalhos de actualidade, focando algumas delas assuntos de carácter educativo e, entre estas, uma tese sobre «O valor do Escotismo na Educação da Adolescência», apresentada pelo director do nosso jornal.

Trata-se, portanto, de um documento que ficará a atestar o valor deste empreendimento da Juventude Evangélica Portuguesa. Agradecemos o exemplar oferecido.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Parabéns—O nosso estimado amigo Sr. Eng.º João Cabral, Chefe Regional do C. N. E., e sua Esposa, encontram-se de parabéns pelo nascimento, em 23 do mês findo, de mais um filho que veio enriquecer o seu lar. Formulamos votos de muitas venturas ao feliz bébé.

● ***De Luto*** —Encontram-se de luto os nossos caros amigos Srs. Prof. Dr. Délio Nobre Santos, antigo-escoteiro, e Eng.º José Maria Nobre Santos, da Direcção da A. E. P., pelo falecimento de sua gentil filha e sobrinha, respectivamente, Menina Helena de Lacerda Nobre Santos, mortalmente atingida por um estilhaço de granada durante as manobras militares que se efectuaram recentemente na Praia do Guincho, facto que a imprensa noticiou.

Todos os que no «Sempre Pronto» trabalham apresentam condolências muito sentidas, lamentando o infausto desastre.

Conselhos aos Campistas

Acampar! eis o desejo de milhares de escoteiros de todo o mundo, quando a primavera cobre de novos rebentos os ramos de todas as árvores. Sonham com os dias que se hão-de viver nos bosques, nas montanhas, debaixo do sol e das estrelas, ao abrigo das tendas brancas, firmes ao vento, qual tensas velas do barco onde navegam ligeiras as nossas ilusões.

Todas as patrulhas trabalham activamente na preparação do seu acampamento. O verão já está em cima de nós e há ainda tantas coisas que fazer! Teremos de decidir onde se acampará, porque uns querem ir para a praia, outros para as altas montanhas e os restantes para um pinhal. Teremos de estudar a maneira de adquirir o material de campismo que falta; distribuir os cargos de cada um no acampamento; escolher o que será necessário para que o cozinheiro possa encher os estômagos dos acampados; preparar um completo programa escotista...

Carlos, o eterno pessimista da patrulha, pôs já o seu problema:— E se chove?—A indignação foi geral. «Não há-de chover! Não pode chover no verão!» Porém, dentro de cada um, ficou o seu receiozito, até que o Guia, alegre e tranquilo, afirma que se chover isso não fará mal nenhum, pois também isso servirá para se divertirem, e que o campo é muito bonito quando está limpo pela chuva e que para alguma coisa eles são uma patrulha de escoteiros.

Carlos tem razão; no verão também chove. No entanto, mais razão tem o Guia em afirmar que isso não preocupa os escoteiros. É esse o momento de demonstrar que a patrulha possui um bom grau de adestramento, pois que o cozinhar, o jogar, o dormir e o realizar práticas de campo se hão-de fazer nas mais difíceis circunstâncias. E há que fazê-lo, porque uma patrulha de escoteiros não fica quieta e aborrecida dentro da tenda ainda que chova a cântaros.

Acaso não sabeis que em quase todos os Jamborees Mundiais tem chovido com gana? Pois ali, naqueles imensos acampamentos, estavam muitos milhares de escoteiros de todos os países, que se divertiram tanto como se o sol brilhasse no mais azul dos céus.

Não importa se chove, conquanto que tenhais em conta esses pequenos pormenores que todo o campista conhece sobejamente. Quero recordar esses pormenores, especialmente para os que ainda não têm experiência da arte de acampar.

Como coisa primordial, pensai, sobretudo, que, para os acampados, a água verdadeiramente molesta, destruidora, perigosa, não é a que cai das nuvens, mas a que corre pelo solo.

Uma tenda de mediana qualidade, racionalmente concebida e montada, suportará perfeitamente quanta água lhe caia em cima, sem mais prejuízo que essa moinha que, ao princípio de chover, passa através do pano (moléstia que não os deve alarmar, porque se corrigirá automàticamente quando o tecido se tenha mais tapado ao molhar-se) e uma ou outra goteira que porventura se forme em qualquer lugar onde haja uma ruga ou ainda porque alguém tenha tocado no tecto da tenda. E todos vós sabeis como é fácil canalizar essa goteira, apoiando um dedo no ponto onde ela se produziu e, sem tirar o dedo do pano, levá-lo até ao chão pelo caminho mais curto.

A água molesta, perigosa, destruidora, é a que corre pelo solo. Se essa penetra na nossa tenda, podemos despedirmo-nos da comodidade, do repouso e de tudo quanto signifique placidez. A água que invadir a nossa tenda ensopará os colchões, as mantas, os equipamentos, e, ainda mesmo que cesse de chover, o chão continuará molhado e barrento por muitas horas.

Para prevenir esta contrariedade, o primeiro trabalho a realizar, uma vez armada a barraca e ainda que brilhe um sol de cegar no céu mais limpo de nuvens que se possa conceber, é cavar ao redor da tenda um rego por onde se vertam as águas que vêm do tecto e se canalizem as que correm pelo chão, vala que terá tantos desaguadoiros para terrenos mais baixos, quantos se considerem necessários para impedir o transbordamento. Não é suficiente arranhar o terreno ligeiramente ao redor da barraca; há que fazer uma verdadeira vala que tenha pelo menos, 20 centímetros de profundidade e outros tantos de largura.

Se o terreno é em declive, na parte alta onde está a tenda, e a um par de metros de distância desta, deve fazer-se uma vala em semicírculo ou em ângulo, que desvie as águas descendentes para os lados da tenda.

A vala é de uma importância capital para a tranquilidade do acampamento; jamais se deve considerar um trabalho inútil pelo facto de a chuva não ter feito a sua aparição. Na cidade podeis ver muitas casas que têm um pára-raios, que nunca recolheu um raio sequer; e, no entanto, ninguém pensa que o pára-raios seja inútil.

Se alguma vez as primeiras gotas de chuva vos surpreenderem sem terdes feito a vala, ponde-vos imediatamente a construí-la, porque ainda estais a tempo de evitar um mal maior.

Quando começar a chover, afrouxai um pouco os esticadores da tenda, pois a humidade pode encolher as cordas, fazendo com que as estacas se arranquem do chão.

Cuidai da ventilação no interior da barraca para evitar uma condensação excessiva da humidade, e, enquanto ouvirdes a água tamborilar sobre o tecto da vossa barraca, cantai alegres e satisfeitos como sabem fazer os escoteiros... ainda que esteja a chover a cântaros!

Madrid, Maio de 1952.

ENRIQUE GENOVÉS
(Ojo de Lince)

A vida ao ar livre

PEDALAR, é ainda a nossa palavra de ordem. Excursões, bivaques, acantonamentos, acampamentos de fim de semana, acampamentos de férias, cruzeiros leves e de alto mar, são as chaves do nosso sucesso. Dêmos, porém às nossas actividades, a mística da aventura. Saltemos por cima da rotina, como quem salta por cima duma fogueira. Criemos novos motivos. Descubramos novos cenários. Imaginemos sempre coisas singulares e fascinantes e apreciemos os nossos escoteiros, como eles próprios se imaginam: —como os HOMENS que encarnam no escotismo, os ciganos e os beduínos; Crosué na Ilha de Foee, e Paes Leme a rasgar os sertões; os heróis e os corsários; os navegantes e os descobridores. Condenemos, pois, e com firmeza, os acampamentos de fundo de quintal, os abusos de cornetas e tambores, e as actividades sem programa, sem organização, sem objectivo, e sem divisão de trabalho. Condenemos ainda os arremedos militares, os excessos de ordem unida, e os péssimos uniformes. Antes das nossas actividades de campo, passemos uma vista cuidadosa no livreto «Padrões de Acampamento» que a U. E. B. fez traduzir e editar. Um acampamento é sempre uma faca de dois gumes. Ou educa, ou deseduca. Ninguém volta de lá o mesmo homem. Ou volta melhor, ou volta pior. Urge, por isso, que cada acampamento seja uma pequena aldeia, onde hajam alegria, trabalho, saúde e justiça, e onde a Lei e a Promessa não sejam jamais esquecidas.

GELMIREZ DE MELO
Comissário Nacional da União dos Escoteiros do Brasil

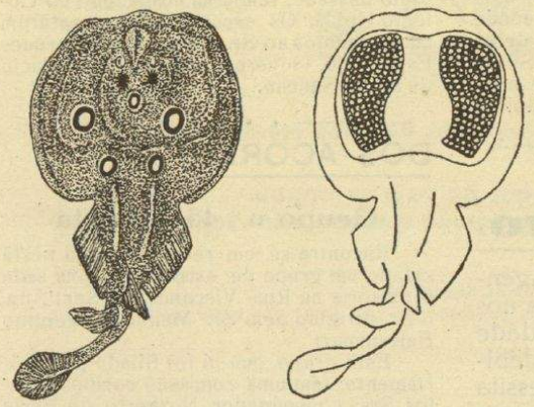
OS PEIXES ELÉCTRICOS

POR ALBERTO IDEIAS

Com a devida vénia, transcrevemos este interessante artigo do excelente mensário «Jornal do Pescador», que, gentilmente, também nos cedeu as respectivas gravuras.

Não nos é possível, até hoje, aceitar ou repudiar todas as teorias que existem sobre a natureza da electricidade. Mas, se são só suposições que determinam a origem, os seus efeitos são bem conhecidos e confirmados por numerosas e práticas aplicações.

Assim, existem máquinas que não têm outro objectivo senão demonstrar a existência da electriccidade; as pilhas por sua vez, produzem uma força constante, chamada corrente, em lugar de descarga.



Tremelga Ocelada — O tracejado a preto é o aparelho eléctrico

(desenhos do autor)

Ora, isto tudo certamente o leitor conhece, mas talvez o que não saiba é que existem animais produtores de electricidade, como se fossem autênticas «garrafas de Leyden».

Quem queira tomar contacto com tais peixes — pois de peixes se trata —, não precisa de se deslocar para as Índias ou Américas, porquanto, aqui, na nossa costa, temos um exemplar bem notável e conhecido. Referimo-nos à *Tremelga (Torpedo Marmorata)*.

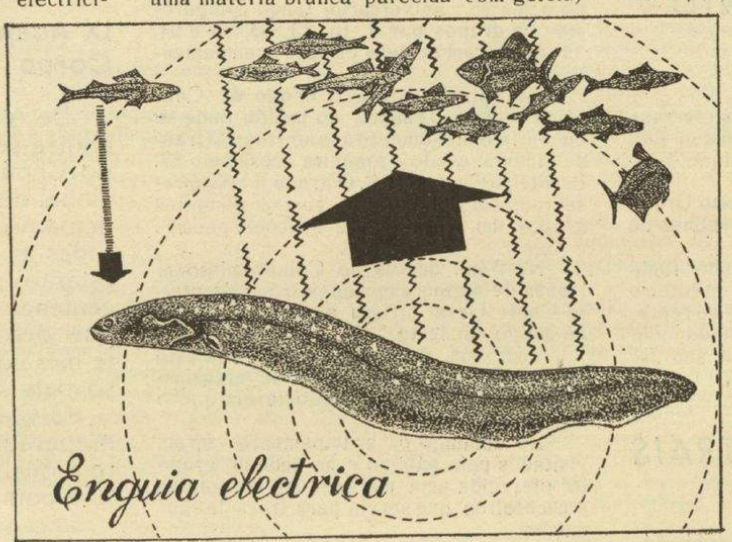
As *Tremelgas* pertencem ao mesmo grupo zoológico das *Raias* e, como estas, têm um corpo achatado, com as barbatanas peitorais muito desenvolvidas, diferindo apenas na forma geral que é arredondada em lugar de rombóide. A pele é lisa e de cor acinzentada, parda ou arroxeada, conforme as espécies. Numa destas (*Torpedo ocellata*) vêem-se sobre o dorso cinco grandes círculos azuis, rebordados de negro e dispostos como os vértices de um pentágono, formando um adorno muito original.

Se tocarmos numa *Tremelga*, em plena posse do seu vigor, receberemos um choque de 20 a 30 vóltios, o que nos dará uma sensação dolorosa acompanhada de um involuntário tremor. O seu efector (órgão de reacção do animal), de forma semilunar, encontra-se colocado entre as brânquias e as barbatanas peitorais, disposto simètricamente de um e de outro lado da linha mediana do corpo e é constituído por uma grande massa de pequenos prismas, formados por tabiques membranosos, divididos interiormente em espaços mais pequenos por delgadas películas transversais. Tais prismas, que se acham dispostos verticalmente em relação ao plano do corpo, orientados no sentido dorso-ventral, lembram uma rede de alvéolos hexagonais, como um favo, muito apertados uns contra os outros. Entre eles há, apenas, finos e numerosos nervos que se dividem e ramificam em todas as direcções. Tal amontoamento de discos, como pilhas de moedas, sugere-nos uma pilha de Volta, formada pela sobreposição de partes de zinco-cobre, separadas por rodelas de pano embebidas em água acidulada.

São, essas massas de prismas, os órgãos eléctricos do peixe, constituindo a sua junção verdadeiras baterias, nas quais o tamanho e reduzida voltagem de cada uma estão compensados pela quantidade, crescendo não só em número como em volume à medida que o animal envelhece.

Estes órgãos eléctricos (na maior parte dos casos, primitivos músculos que a Natureza aproveitou, transformando as células de forma que a sua contractilidade fosse diminuída, enquanto aumentava a intensidade da corrente eléctrica por elas produzida) constituem um dos melhores exemplos da evolução paralela, pois se desenvolveram, independentemente, em vários grupos de peixe.

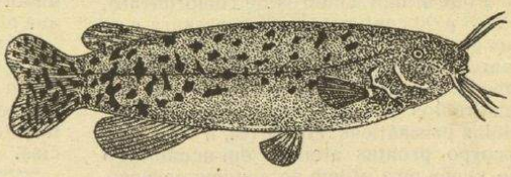
Nas *Raias* comuns, «primas» ainda das *Tremelgas* (mais de 400 células cheias de uma matéria branca parecida com geleia) e nas *Enguias-Eléctricas*, os órgãos fibro-carnosos que se dispõem ao longo do tronco e da cauda foram modificados e adaptados a este novo uso; nas *Tremelgas*, o músculo electrificado ficou preso à pele, enrolando-se à volta da região das guelras, a cada lado do animal; no *Astroscopus* (um peixe recentemente descoberto), a bataria fica atrás dos olhos, numa cavidade que se destaça da órbita e servida pela ramificação de um dos nervos que movimentam os músculos do globo ocular.



Aqui se indica como a Enguia Eléctrica, servindo-se das suas baterias como rádar e da cabeça como antena, localiza a presa a 20 ou 30 metros. Depois, a corrente de 7 amperes liquidará a vítima, ou vítimas, que serão seguidamente devoradas.

Mas talvez o caso mais singular e estranho seja o do *Siluro-Eléctrico* (*Malapterurus electricus)*, também chamado *Peixe-gato do Nilo* ou, simplesmente, *Raad*. Vive nos rios da África, principalmente no Nilo, Congo e Niger, tendo em redor da boca 6 apêndices compridos, parecidos com o bigode de um gato. É, segundo dizem, muito apreciado como pitéu, pois que a sua carne é finíssima.

As suas baterias eléctricas, constituídas por células romboidais, encontram-se na pele, envolvendo todo o corpo, exceptuando a cabeça, e, sendo interrompidas no ventre por uma fina membrana conjuntiva, formam uma grossa capa de substância densa e gelatinosa que se estende em todo o sentido do comprimento do animal, da cabeça ao rabo, accionada por dois nervos, um de cada lado. Aqui, o órgão eléctrico foi uma transformação das glândulas da pele e não, como nos outros casos, uma alteração muscular, o que nos revela a Natureza construtora de baterias vivas com duas castas diferentes de matéria-prima.



Peixe gato do Nilo

(desenho do autor)

Antigamente, quando os fenómenos eléctricos não estavam ainda estudados, já os naturalistas conheciam a existência de tais peixes, muito embora não tivessem uma explicação plausível para a estranha comoção produzida quando se lhes tocava. Assim, imaginava-se que o abalo provocado por estes animais era produzido pela excreção de um veneno paralisante ou, como Barelli julgava, tal sensação não era mais que uma série de rápidas contracções dos músculos do animal.

Foi, no entanto, um botânico, Adanson, que, em 1751, durante uma viagem ao Senegal, determinou a verdadeira causa da comoção gerada por estes seres, como tendo origem num órgão de natureza mal estabelecida. Instituídos, então, os fundamentos da electricidade, verificou-se que, tocando um destes peixes com um pau molhado, arame ou fio de latão, recebia-se na mesma o choque, decrescendo a sua intensidade se o contacto fosse feito com uma vareta de vidro ou lacre, pois, como o leitor sabe, são maus condutores de electricidade.

Numa *Raia* comum (com as suas baterias vivas na extremidade da cauda) a força electromotriz descarregada é de cerca de um vóltio por cada disparo; na *Tremelga*, como já dissemos, 20 a 30 vóltios; e, finalmente, na *Enguia-Eléctrica* da América do Sul (*Electrophorus electricus*) o potencial pode alcançar algumas centenas de vóltios, isto é, mais que a voltagem da luz eléctrica doméstica.

(Conclui na 6.ª página)

OS PEIXES ELÉCTRICOS

(Conclusão da 5.ª página)

No entanto, não se pode explicar porquê e como, os peixes eléctricos, envolvidos por um líquido bom condutor, escapam aos funestos efeitos das suas próprias descargas, para mais quando se trata da *Enguia-Eléctrica*, cuja intensidade, num exemplar de 1 metro, é igual à de 15 garrafas de Leyden fortemente carregadas.

Este peixe desdentado, que é o mais poderoso gerador animal de electricidade, não tem nenhum parentesco com as Enguias, como o seu nome parece indicar, pois apenas o aspecto nos faz lembrar estes peixes. Vive nos rios da Amazónia e da Guiana, sendo célebre pelas suas propriedades eléctricas com que se defende ou ataca as presas, tornando-se até perigoso para os animais de grande porte e mesmo para o homem.

Pode atingir 2 metros de comprimento, com 15 a 20 centímetros de espessura e os seus geradores (um dorsal, o mais potente; e outro ventral, o mais fraco, orientados como no *Raad*, longitudinalmente) são constituídos por milhares de minúsculas células prismáticas, em séries, a cada lado do corpo, prontas a entrar em acção logo que venha uma ordem do sistema nervoso.

Como o Morcego, há inúmeros séculos que o *Gimnoto* — nome pelo qual é também conhecida a *Enguia-Eléctrica* — usa o «moderníssimo» princípio do «rádar» para localizar as suas presas. Nadando rio fora, vai disparando uma média de 50 descargas de 50 vóltios por segundo, com um raio de alcance de 20 a 30 metros. Reflectidos à cabeça, que serve de antena, os raios emitidos e determinando, assim, o lugar preciso da vítima, a *Enguia-Eléctrica* nada mais tem a fazer do que liquidá-la, descarregando a sua mortífera corrente de 600 vóltios.

.....

E agora, pensamos nós, se o Homem de tudo tem tirado benefícios, não nos admira que, num futuro próximo, os electrobiologistas se aproveitem, para fins diversos e práticos, da natural e formidável energia destes peixes.

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Excursões — A Patrulha Leão efectuou em 1 de Junho um passeio ao campo, visitando as vilas de Atalaia, Moita e Barquinha.

Em 7 do mesmo mês, o nosso Grupo realizou um passeio ciclista aos «Olhos de Água», nascente do rio Alviela.

● ***Falecimento*** — Em 7 de Junho findo faleceu o pai do nosso irmão-escoteiro António Mendes. O Grupo 84 fez-se representar no funeral tendo apresentado condolências ao nosso camarada e a sua família. — C.

SERVIÇOS CENTRAIS

Grupos extintos

Pelo Boletim oficial n.º 5-52, publicado com data de 15 de Julho p. p., foram considerados extintos os grupos n.ºs 8 da Póvoa de Santa Iria e 49 de Setúbal e considerados demitidos os seus dirigentes.

1.º Indaba

O mesmo B. O. informa que aproveitando a ida a Londres do Chefe Geral adjunto Sr. Jorge Brotas Cardoso, no período de realização do 1.º INDABA, foi o referido Chefe encarregado de representar a A. E. P. naquela actividade internacional de Chefes Escoteiros.



José Maximiano da Silva

Acometido de doença subita, e depois de 48 horas de sofrimento, faleceu em Peniche este nosso dedicado assinante, que foi um dos escoteiros fundadores do Grupo n.º 1. Apesar de há muito tempo afastado do Movimento, mantinha ainda hoje a mesma dedicação pelo Escotismo, conservando recordações dos seus velhos camaradas, facto manifesto quando há poucos anos publicámos uma nota histórica sobre o Grupo Um, tendo-nos dirigido esclarecimentos sobre a identidade dos fundadores daquele Grupo, esclarecimentos que publicámos nestas colunas.

O extinto, que era sócio da Sociedade de Conservas de Peniche. Lda, deixa viúva a Sr. D. Francisca dos Santos Silva, a quem, bem como a seus filhos e mais família, apresentamos sinceras condolências.

Aos Agentes-Correspondentes do «SEMPRE PRONTO»

Pedimos a todos os nossos Agentes em Lisboa e província para nos remeterem com a maior brevidade a importância dos jornais em débito. O «Sempre Pronto» necessita urgentemente de reunir fundos para fazer face aos seus encargos, pelo que apela para a boa vontade dos seus cooperadores.

O XVIII Aniversário do Grupo n.º 93 — SINTRA

Nos passados dias 19 e 20 de Julho, com um acampamento numa propriedade do sítio da Estefânia, comemorou este Grupo o seu 18.º aniversário, tendo comparecido os grupos n.ºs 1, 10, 13, 53, 85 e 94, que montaram também os seus acampamentos.

No sábado houve o «Fogo de Conselho», que se realizou no jardim onde se encontra o monumento aos mortos da Grande Guerra, sendo a fogueira acesa pelo Sr. Escoteiro Chefe Geral. O grupo n.º 93 apresentou, em colaboração com os restantes grupos, um programa de canções, poesias e jogos.

No final, depois do Compromisso de Honra de alguns aspirantes, o Sr. Escoteiro-Chefe Geral dirigiu algumas palavras ao grupo em festa.

Uma boa assistência presenciou este «Fogo de Conselho, sentindo-se entusiasmada com o espírito escotista em que o mesmo decorreu.

No domingo os acampamentos foram visitados pelo público e na sede do grupo foi oferecida uma merenda aos dirigentes e escoteiros, que serviu para troca de saudações.

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Investidura de Caminheiros

No dia 6 do mês findo, foram investidos Caminheiros os nossos camaradas espanhóis José Forasté, Manuel Rojas e Carlos Martinez, três dedicados elementos do Clã Lobo Gris. A cerimónia efectuou-se numa propriedade particular nos arredores da capital espanhola.

O «Sempre Pronto» deseja aos novos Caminheiros uma longa e boa jornada.

PRIMEIRO NÚMERO DO

«SEMPRE PRONTO»

Em resposta à notícia publicada de que possuímos dois exemplares do n.º 1 do «Sempre Pronto», que nos foram oferecidos para serem vendidos pela maior oferta, comunica-nos o nosso camarada escoteiro Carlos Mamede que oferece *Esc. 10$00* por um exemplar. Ser-lhe-á entregue se dentro de quinze dias não recebermos oferta maior.

DE MACAU

Visita de Escoteiros

Um grupo de Escoteiros da vizinha colónia britânica de Hong-Kong, com cerca de 80 jovens, entre os quais muitos portugueses ali residentes, visitou Macau em Maio passado, tendo-se hospedado no Colégio Ut-Uá. Os escoteiros apresentaram cumprimentos ao Sr. Comandante Marques Esparteiro, Governador Geral, no Palácio de Santa Sancha.

DOS AÇORES

Grupo n.º 45 — Horta

Encontra-se em reorganização nesta cidade um grupo de escoteiros, com sede provisória na Rua Visconde de Sant'Ana, 6-2.º, dirigido pelo Sr. Manuel Argentino Bettencourt.

Este grupo, que já foi filiado provisòriamente, tem uma comissão composta pelos Srs. Comendador Norberto de Faria Amaral, Dr. José Pereira de Freitas e Dr. Vítor António Marques Jr.

O representante em Angra do Heroísmo do «Sempre Pronto», Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, visitou recentemente este Grupo tendo feito convite para que o Chefe Bettencourt representasse o nosso jornal naquela cidade.

Desejamos as maiores prosperidades ao Grupo 45.

IX Acampamento Nacional do Corpo Nacional de Escutas

De 16 a 26 de Agosto corrente, realiza-se em Coimbra, nos terrenos do Choupal, o acampamento Nacional do C. N. E., no qual comparticiparão centenas de escutas de todas as regiões do país, e no qual estarão presentes cerca de duas centenas de escoteiros estrangeiros, que desde os primeiros dias deste mês começaram a chegar ao nosso país.

O C. N. E. efectuou os melhores preparativos para esta reunião, para a qual desejamos um grande êxito e bom acampamento.

Eng.º Jorge Pereira Jardim

Em 23 de Julho findo, partiu, por via aérea, para a cidade da Beira, este nosso dedicado amigo, Presidente dos Escoteiros de Portugal, onde vai assumir a direcção de uma importante empresa fabril.

Segundo consta, a nova posição do Eng.º Jardim forçá-lo-á a abandonar a presidência dos Escoteiros de Portugal, mas não foi ainda tomada qualquer decisão definitiva.

Sinceramente desejamos as maiores venturas pessoais ao Sr. Eng.º Jardim.

— O escudo e a esfera armilar são assentes metade na parte vermelha e metade na verde, e equidistantes das orlas superior e inferior.

Honras devidas à Bandeira Nacional

A Bandeira Nacional são devidas as maiores honras. Todo o escoteiro tem o dever de saudá-la escotistamente quando uniformizado, ou tirar-lhe o chapéu, quando à paisana. Nas formaturas toma sempre lugar à direita da bandeira de qualquer outra nacionalidade ou de um organismo escotista ou então à frente de todas, quando se trata de mais uma, e os escoteiros recebem-na sempre em sentido e fazendo saudação. Na sede tem o lugar de honra

em todos os actos da sua vida, dos mais insignificantes aos de maior grandeza.

9—O Escoteiro é económico, sóbrio e respeitador do bem de outrem.

«O homem que gasta tudo quanto ganha vai a caminho da mendicidade. O homem equilibrado deve manter-se no justo meio termo, não ser perdulário nem avaro: ser económico.

Os ricos acumulam somas importantes; os pobres aparrando diàriamente uma pequena quantia, uns tostões que seja, passados anos terão adquirido um pequeno pecúlio:

«todas as economias provêm de pequenas coisas» e *grão a grão enche a galinha o papo*. O escoteiro deve constituir um depósito numa Caixa Económica onde guardará as suas economias.

Para bem economizar, o escoteiro possuirá uma outra qualidade: a da sobriedade. Não gastar senão o que é necessário, não adquirir vícios, não ser dado a excessos. Será sóbrio nos actos, nas palavras e no pensamento.

O escoteiro respeita o bem de outrem, não lhes roubando os meios indispensáveis à sua manutenção, remunerando justamente os seus empregados, quando os tiver; não prejudicando o seu semelhante seja no que for, mesmo no sossego ou alegria a que tem direito.

O escoteiro, porque é respeitador do bem de outrem, jamais se apoderá de qualquer coisa sem autorização do seu proprietário. Se encontrar algum objecto deve dili-

não se limita, entre eles, a uma simples regra de civilidade, mas que é a expressão do vivo sentimento de afecto que une todos os membros da família escoteira.

Como medida higiénica, o aperto de mão esquerda é recomendável como processo de evitar a propagação de doenças. A tendência é, quando se tosse, levar à frente da boca a mão direita, além de que é a mão de que mais uso se faz; os escoteiros, cumprimentando-se com a mão esquerda, contrariam a transmissão de micróbios perigosos à saúde.

Ao saudar, quem quer que seja, o escoteiro não procede indolentemente, sem aprumo nem vigor. Deve, pelo contrário, patentear energia, firmeza e lealdade, mas sem afectação.

A saudação escoteira pode também ser feita com vara. Toma-se a posição de sentido: a vara vertical ao lado do corpo, assente um pouco ao lado do pé direito e segura com a mão direita à altura do peito, passando em frente da extremidade do ombro. No momento da saudação, a vara levanta-se uns três dedos do chão e a mão esquerda, executando o sinal de saudação, passa em frente do peito e a ponta dos três dedos erguidos vem sobrepor-se à vara. Em marcha, a vara passa da posição horizontal a esta mesma posição vertical e executa-se igual movimento.

O NÓ DA BOA ACÇÃO

Não é só no listão «sempre pronto» que os escoteiros têm algum sinal que lhes recorda a **Boa Acção** diária. Quando uniformizados, usam dar um nó na ponta do lenço do uniforme, nó que desatam após ter cumprido esse dever de todos os dias. Se não estiverem uniformizados, farão o nó no lenço que trazem dentro da algibeira.

O escoteiro tem a preocupação da B. A.—e só é verdadeiro escoteiro quem tem essa preocupação—e encontra sempre forma de satisfazer esse seu dever. E estar «sempre pronto» que o momento surgirá quando menos se esperar.

instituição cujos membros estão ligados pelo sentimento de fraternidade. É um sinal por que se reconhecem os escoteiros das mais variadas nações.

A saudação escoteira executa-se elevando a mão direita, com os dedos na posição indicada na gravura, até à altura da aba do chapéu.

A posição dos dedos (a falangeta do polegar sobre a falangeta do mínimo e os restantes três dedos estendidos e direitos) tem um significado semelhante ao da flor de lis. Os três dedos erguidos simbolizam os três artigos do Compromisso de Honra, o dedo polegar sobre o mínimo correspondem ao travessão que, como ficou dito, representa o sentimento de fraternidade entre os escoteiros. Esta posição dos dois dedos significa ainda o dever do forte (o dedo polegar, forte e ágil, o único dedo que pode deslocar-se frente a todos os outros) proteger e auxiliar o mais fraco (o dedo mínimo, o mais débil da mão).

O auxílio do forte ao fraco não se refere sòmente aos casos em que intervém a força física. Muitas outras circunstâncias há em que os escoteiros têm oportunidade de praticar o bem, auxiliando os mais fracos. Apontemos alguns para melhor compreensão:

— Explicar a lição a um companheiro da escola.

— Auxiliar um camarada na execução de um trabalho difícil ou demorado.

— Acompanhar um cego até lugar seguro.

— Indicar uma rua, uma farmácia, a residência de um médico, a estação de correio, etc., a alguém que procure um desses locais.

— Ir em socorro de algum doente, seja para evitar que o seu mal se agrave, seja para o acompanhar e animar.

Os escoteiros usam também o aperto de mão esquerda (lado do coração) para significar que o seu cumprimento

genciar entregá-lo ao seu dono, às autoridades ou ao chefe do seu grupo para que o faça chegar a quem de direito.

10—O Escoteiro é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.

O escoteiro, como os cavaleiros de outrora, tem no mundo uma sublime missão: combater o mal e espalhar o bem. Começa por combater o mal não permitindo que os maus pensamentos se instalem no seu próprio espírito. Quando eles surgem, o escoteiro combate-os tenazmente, substituindo-os por pensamentos elevados e dignos.

O escoteiro tem uma linguagem limpa. O hábito da obscenidade é uma característica infalível de decadência e baixa educação. O escoteiro fala sempre de forma digna, como se sua mãe, sua irmã, sua esposa ou filhos o estivessem escutando. Também não consente na sua boca a maledicência e a intriga, armas vis de que o escoteiro nunca se serve.

O escoteiro vigia constantemente as suas acções. Mesmo quando está sòzinho, sabe que Deus o está vendo e não pratica qualquer acto que o possa envergonhar. Evita todos os hábitos que possam prejudicar o seu carácter e não consente que os vícios o dominem.

O escoteiro conserva sempre limpo o seu corpo, o seu coração e a sua roupa. Ele sabe que o segredo da felicidade está num coração puro e num corpo são.

* * *

Rapazes: Seguindo sempre esta Lei, que comigo aprendeis de meditar, nunca tereis de que vos arrepender. Do cumprimento destas regras vos advirá a mais profunda e inesgotável fonte de felicidade. Repeti sempre esta meditação, pelo menos uma vez ao dia e durante dois ou três minutos por cada artigo da Lei (fazei-o de preferência à noite antes de dormir), depois examinai cuidadosamente a vossa consciência e que Deus vos ajude a cumpri-la bem.

6—Significado da insígnia associativa, da saudação e do nó da boa acção.

A INSÍGNIA

A insígnia oficial dos Escoteiros de Portugal é a flor de lis com o escudo das quinas sobreposto e o listão ostentando a divisa «sempre pronto».

A divisa lembra aos escoteiros a obrigação de estar bem preparado para agir em qualquer momento. Nenhum acontecimento os pode encontrar desprevenidos e em todas as circunstâncias, mesmo que a tarefa seja árdua, a divisa ordena-lhes que a aceitem.

A flor de lis tem o seu simbolismo: as suas três pontas representam os três artigos do Compromisso de Honra, e o travessão que liga as três pétalas (que se encontra coberto pelo escudo das quinas, mas que se vê nos desenhos simples da flor de lis) representa o sentimento de fraternidade que une os escoteiros de todo o mundo, seja qual for a sua raça, opinião ou classe social.

Sobre a pétala central da flor de lis vemos um traço que significa a agulha de marear (ou agulha da bússola) e recorda aos escoteiros que devem ter sempre uma sã orientação na sua vida, simbolizada no rumo do Norte, tomado como o caminho do Bem.

As duas estrelas, que se vêem nas pétalas laterais, parecendo dois olhos, lembram ao escoteiro o espírito de observação e o dever de estar «alerta».

O escudo das quinas é o símbolo da pátria, que todos amamos e queremos prestigiada pelas nossas vidas.

Um nó, que se vê na parte inferior do listão, representa a Boa Acção (B. A.), preocupação diária de cada escoteiro, de que adiante mais desenvolvidamente falaremos.

A SAUDAÇÃO

A saudação é um sinal de paz, amizade e respeito. Aos escoteiros lembra-lhes ainda que pertencem a uma

7—Desenhar a Bandeira Nacional, conhecer o seu significado e o respeito que lhe é devido.

Eu te saúdo, Bandeira de Portugal, fanal augusto das glórias da minha Pátria, eu te saúdo.

Sou criança, mas já sinto no coração a alegria de ter nascido à tua sombra e o orgulho de ser teu filho; e por isso eu te bendigo e te amo, eu te adoro, eu te saúdo, Bandeira da minha Pátria.

Por ti estudo, por ti desejo ser sábio para te dar a minha inteligência e forte para te dedicar o meu braço; e eu te juro, Bandeira da minha Pátria, que só quero ser grande da tua grandeza, bom da tua bondade, herói do teu heroismo; e que até a hora da minha morte pedirei ao destino pela tua glória e de todo o coração lhe rogarei que sejas tu minha mortalha.

Trindade Coelho

A bandeira nacional é o símbolo sagrado e venerando para todos os portugueses da nossa querida Pátria, da nossa autonomia e das nossas liberdades; o santuário das nossas glórias passadas, dos nossos descobrimentos e conquistas, da nossa força, da nossa confiança no presente e das nossas esperanças no futuro. É ela que nos fala dos nossos avós, que nos lembra os seus feitos heróicos e que nos arrebata quando nas suas pregas escrevemos um nome ou uma nova data gloriosa. Enquanto ela tremular altaneira, Portugal, será independente e livre; por isso, se algum dia se cometer uma agressão contra Portugal, se alguma vez a Pátria for declarada em perigo, é nosso dever agruparmo-nos todos em volta do pavilhão das quinas, como um único homem, sempre prontos a defendê-la como o fizeram os nossos antepassados que, em actos de dedicação e sacrifício pela Pátria, demonstraram amar a sua bandeira acima de tudo.

A constituição da Bandeira Nacional portuguesa

A Bandeira Nacional é bipartida em duas cores fundamentais: o verde escuro e o vermelho vivo, ficando o primeiro do lado da tralha e o segundo flutuando no espaço. O verde representa a esperança e a fé na feliciade da sua Pátria, que deve animar sempre os portugueses, e o vermelho, cor essencialmente combativa, representa o espírito viril e afirmativo de energia que tem sido sempre o timbre da nossa raça e a conduzi-la às mais belas vitórias.

Ao centro, e sobreposto à união das duas cores, está o escudo das Armas Nacionais, ornado de branco e assentado sobre a esfera armilar manuelina, em amarelo e avivada de preto. A esfera armilar é o padrão eterno do génio aventureiro da nossa raça que, lançando-se sobre mares nunca dantes navegados, descobriu e conquistou novos mundos de que fomos senhores. O escudo branco com as quinas representa os padrões das hostes fiéis a D. Afonso Henriques, que entraram nas primeiras batalhas de que resultou a independência de Portugal. Os sete castelos, em amarelo e orlados de preto, que cercam o escudo branco, representam o reino do Algarve e as praças do Alentejo que caíram definitivamente sob o domínio dos portugueses, no reinado de D. Afonso Henriques, e portanto a bravura e a audácia dos guerreiros desse tempo.

Indicações para desenhar ou fazer a bandeira Nacional

— A esfera e os castelos são contornados a preto pela parte interior.

— Relação entre o comprimento da bandeira e a largura: a largura é $^2/_3$ do comprimento.

—Altura do escudo e esfera: $^1/_2$ da altura da bandeira.

—Relação entre os comprimentos do verde e vermelho $\frac{\text{verde}}{\text{vermelho}} = \frac{5}{8}$, isto é, dividindo o comprimento em 13 partes iguais, 5 são verdes e 8 vermelhas.